

O BRASIL “CIVILIZADO” E O JAPÃO “BIZARRO” NA REVISTA *KOSMOS*: IMAGENS CONTRASTANTES

Monica Setuyo OKAMOTO\*

Resumo: Este artigo discute as relações entre idéias de progresso da capital federal brasileira no começo do século XX e a imagem bizarra do Japão e dos japoneses veiculadas dentro de um dos periódicos brasileiros mais requintados da época: a revista *Kosmos*. Em contraposição aos artigos de louvor às melhorias urbanas promovidas pelo governo carioca; as crônicas de viagem de países “exóticos” como o Extremo Oriente tiveram um papel fundamental na promoção da auto-estima da elite brasileira que se pretendia civilizada, moderna e branca.

Palavras-chave: Japão, Brasil e revista *Kosmos*.

BRAZIL "CIVILIZED" AND JAPAN "BIZARRE" IN THE JOURNAL *KOSMOS*:  
CONTRASTING IMAGES

Abstract: This article discusses the relation between ideas of progress of the federal capital of Brazil in the early twentieth century and the bizarre image broadcast on Japan and Japanese in one of the finest Brazilian journals of the time: the *Kosmos* journal. In contrast to the articles of praise to urban improvements undertaken by the government of Rio de Janeiro, chronicles the journey of "exotic" countries as the Far East played a key role in promoting self-esteem of the Brazilian elite that was intended civilized, modern and white.

Key words: Japan, Brazil and journal *Kosmos*.

Nos primeiros anos da República Velha (1889-1930), a elite brasileira, segundo Nicolau Sevcenko, tomou medidas drásticas como: romper com todos os elementos populares de nossa cultura e com velhos hábitos e costumes da sociedade tradicional; efetuar uma segregação territorial praticada pela burguesia nos centros da capital brasileira e, finalmente, iniciar um “cosmopolitismo agressivo, profundamente

---

\* Monica Setuyo OKAMOTO Professora do Departamento de Letras Modernas – da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Assis – SP- Brasil – e-mail: setuyo2@gmail.com.

identificado com a vida parisiense”<sup>1</sup>. Cabe lembrar que a França — modelo de civilização para o Brasil — costumava chamar de “evoluídos” os países atrasados que rompiam com o seu passado tradicional e incorporavam os benefícios e a cultura europeia, tida como “superior”<sup>2</sup>.

Mas, o que era ser um país desenvolvido e “civilizado” no final do século XIX? Difícil estabelecer ao certo os critérios, no entanto, basicamente as condições eram: ser industrializado e ocidentalizado; ter mulheres emancipadas; bem como uma identidade nacional definida; além de forças políticas e militares<sup>3</sup>. Outro fator que indicava desenvolvimento de uma nação era o seu alto índice de alfabetização em massa, como observa Hobsbawn :

No final de 1870, qualquer país ou região da Europa que contasse com uma maioria de analfabetos quase certamente podia ser classificada como não-desenvolvida ou atrasada (...)<sup>4</sup>

Havia, também, mais um item para se alcançar o *status* de país desenvolvido, agora de ordem biológica: a sua etnia. Dentro da classificação humana “a raça branca” era considerada superior a todas as outras; o que promoveu, nos países da América Latina, a ideia de “branqueamento” progressivo, por meio de casamentos inter-raciais, ou de “repovoamento”, com a entrada de populações europeias<sup>5</sup>.

Foi assim que, dentro desse contexto histórico específico, dois acontecimentos marcaram, sobretudo, a sociedade carioca no começo do século XX: o lançamento da revista *Kosmos* (1904-1909), considerado um dos periódicos brasileiros mais sofisticados da época, e o início das obras de reurbanização e saneamento da cidade do Rio de Janeiro.<sup>6</sup> Para Antonio Dimas intriga a coincidência cronológica entre o lançamento de *Kosmos* e o início da reforma urbana do velho Rio; contudo, o autor conclui:

(...) o que parece ter havido realmente foi uma junção aparentemente casual de fatos, de que resultou a emergência de um periódico entusiasmado, virtual porta-voz oficioso de uma situação nova. (...) *Kosmos* cumpria, paralelamente, uma função justificativa e de endosso, espalhando pelo país uma imagem que interessava ao poder público, empenhado em fazer do Rio um cartão de visitas.<sup>7</sup>

E foi em meio a esse entusiasmo e euforia da elite brasileira de promover a imagem de um novo Rio que surge *Kosmos*, um periódico brasileiro de circulação mensal que contou com 64 números entre janeiro de 1904 e abril de 1909. Como

menciona Dimas, as reformas urbanas parecem justificar o surgimento de uma imprensa à altura dos novos tempos.

Considerada uma revista de variedades, *Kosmos* teve grande aceitação, sobretudo junto à burguesia carioca da época. A diagramação diferenciada, o formato grande, o papel *couché* e as inúmeras fotos garantiram à *Kosmos status* de revista internacional. Ao que tudo indica, a tônica do periódico era mostrar um Brasil “civilizado” e moderno no cenário internacional, longe da imagem de barbárie e selvageria de outros tempos. Alguns colaboradores de *Kosmos* chegaram a recusar a comentar algumas notícias por acreditarem que destoavam com a índole da Revista.<sup>8</sup>

Fundamental informar que muitos colaboradores, dentre eles Olavo Bilac e Mário Pederneiras, por exemplo, não se cansaram de engrandecer as perspectivas de progresso e civilização que a Avenida Central<sup>9</sup> representava à nação brasileira nas páginas da Revista. Entre o ano do seu lançamento em 1904 até a sua última edição em 1909, *Kosmos* publicou cerca de 30 artigos somente sobre a Avenida Central, ao longo de seus 64 exemplares. Mas os articulistas de *Kosmos* não se limitaram a escrever sobre suas esperanças quanto ao futuro brasileiro; ao que parece, para enaltecerem ainda mais o programa de modernização do Rio, lançaram como contraponto artigos discorrendo sobre culturas exóticas e povos selvagens como o Japão. Em outras palavras, as crônicas de viajantes brasileiros sobre o Japão, ao lado dos artigos de entusiasmo pela modernização de nossa capital, trouxeram um contraste entre a imagem de um Brasil “civilizado” em detrimento de um Japão “bárbaro”.

Foi assim que em março de 1904, *Kosmos* traz a primeira matéria sobre o Japão na seção de Crônicas assinada por Olavo Bilac que mistura três temas diversos a primeira vista, sem qualquer conexão entre elas, em um único texto. Bilac começa falando sobre a necessidade de moralização do Carnaval brasileiro e passa, em seguida, a comentar a respeito da guerra russo-japonesa (1904-1905)<sup>10</sup>; e fecha com o tema da inauguração das obras da Avenida Central. O interessante nesta crônica está no fio condutor que permeia discretamente o texto, ou seja, por trás de uma aparente desconexão entre os temas: carnaval, guerra russo-japonesa e início das obras da Avenida Central, Bilac tem como tema maior que abrange todos os outros: civilização *versus* barbárie. Ao comentar sobre a vergonha do carnaval de rua do Rio de Janeiro que, mesmo diante de sua modernização, ainda teimava em manter certos costumes e tradições primitivos, Bilac dá um exemplo de “resquício” de cultura “selvagem” dentro de uma sociedade que estava se modernizando; entretanto o

exemplo maior de “barbárie” vem a seguir ao comentar num tom moralizante, com forte carga emocional, sobre a guerra russo-japonesa, um ato de “selvageria”, na visão do cronista; por fim, Bilac fecha o texto contrastando os exemplos anteriores de “barbárie” com uma ilustração digna de “civilização”: a inauguração do início das obras da Avenida Central que representava, literalmente, a demolição de um passado colonial atrasado e a construção de um futuro higienizado e civilizado, como podemos notar no trecho abaixo:

(...) sociedade humana ainda não se libertou de toda a selvageria, é porque a nossa civilização é ainda apenas aparente.(...) Que quer dizer sobre a guerra entre o Japão e a Rússia? Já tudo se tem dito contra a irremediável e diabólica vezania, que impelle homens contra homens, manchando e profanando o seio da Terra creadora com sangrias abomináveis.(...) Fechemos a chronica com algumas linhas de alegria e de esperança. Há poucos dias, as picaretas (...) iniciaram os trabalhos da construção da AVENIDA CENTRAL.(...) No alluir das paredes (...) havia um longo gemido (...) soturno e lamentoso do Passado, do Atrazo, do Opprobio.<sup>11</sup>

Certamente, o leitor percebe a relação feita pelo autor que associa a guerra russo-japonesa à barbárie e as obras da Avenida à civilização. Como se vê, portanto, a narração de Bilac marca bem a idéia de sociedade humana, ainda presa aos sentimentos sórdidos que servem de argumentos para uma guerra; em contraponto à regeneração do Brasil anunciada pelas picaretas que ao demolirem o atraso da antiga capital, trará, no futuro, um espaço à higiene, ao bom gosto e ao progresso da nação brasileira.

Ainda na mesma edição, outro artigo sobre a guerra russo-japonesa sob o título “O drama do Oriente” traz a notícia em tom de ficção. A indecisão do articulista na hora de traçar a imagem dos japoneses aos leitores brasileiros é bem aparente. Como podemos ver logo abaixo, a representação dos nipônicos aqui é ambígua; uma mistura de admiração e receio, quando o jornalista expressa sua opinião a respeito do povo japonês:

Começou-se então a admirar, talvez mesmo a receiar, a rara aptidão daquela forte raça para apropriar-se da civilização occidental que lhe era tão estranha ha pouco tempo mais de trinta annos, assimilando-a sem perda do seu character e feição nacionaes.<sup>12</sup>

Assimilar a civilização ocidental, sem perder o caráter nacional era o grande sonho de unidade da nação brasileira que há muito tempo tentava solucionar seus problemas de identidade. O poderio militar japonês e a sua capacidade de apropriar o

progresso material do Ocidente eram questões incômodas ao Brasil que buscava reconhecimento internacional como nação civilizada e moderna; longe da imagem de país atrasado e degenerado pela mestiçagem. Admirar abertamente o triunfo japonês seria colocar-se abaixo de uma raça, considerada pelas potências ocidentais, como inferior. Por conseguinte, num primeiro momento, a imprensa brasileira parece reticente quanto ao assunto; como podemos perceber no desfecho dado à matéria acima, publicado na revista *Kosmos*. Para o jornalista “qualquer que seja o resultado do conflito actual, a causa da civilização triunfará por fim”.<sup>13</sup>

Essa indecisão em tomar um posicionamento diante do conflito por parte dos brasileiros reflete bem o sentimento confuso que pairava no ar naquele tempo; o qual Antonio Dimas chama de “tempo dilacerado e ambíguo”<sup>14</sup>, ou seja, cheio de contradições em seus princípios e práticas. Por um lado, os colaboradores da Revista contestavam o imperialismo branco das potências ocidentais; mas por outro davam ampla repercussão às presunções de uma classe branca, urbana e que representava uma minoria dentro de uma nação vista lá fora como degenerada pela mestiçagem, pobre e analfabeta.

Oliveira Lima, um dos colaboradores de *Kosmos*, é um exemplo oportuno nesse sentido. Em seus dois artigos intitulados “Vultos Japoneses”<sup>15</sup> e “Rússia e Japão”, publicados, respectivamente, em agosto e outubro de 1904; o autor faz elogios aos diplomatas japoneses que, após assimilarem a civilização ocidental, tornaram-se, nas palavras do autor, “mais progressivos e mais em contacto com a atividade moderna.”<sup>16</sup>

Sua matéria ainda mostra ao leitor brasileiro como a ocidentalização, que havia atingido apenas a casta nobre e oficial japonesa, já trazia uma grande mudança em termos de refinamento e civilização ao povo asiático. Reparem nas fotos do Príncipe e da Princesa do Japão em trajes ocidentais presentes no artigo de Oliveira Lima.



Foto 1 Príncipe Kwacho. (LIMA, O. Vultos Japoneses. *in Revista Kosmos*, n.8, agosto, 1904.)



Foto 2 - Princesa Kwacho (LIMA, O. Vultos Japoneses. *in Revista Kosmos*, n.8, agosto, 1904.)

A vestimenta do príncipe (foto1) é um uniforme de gala, seguindo o modelo das potências ocidentais: chapéu grande, banda na casaca do uniforme, sabre, além de outros acessórios militares. A princesa japonesa (foto 2) traja um modelo típico da *Belle Époque*. Seu vestido é decotado, com saia lisa sobre os quadris que se abre em

direção ao chão em forma de sino, camadas de renda em todas as partes do vestido, braços completamente cobertos com luvas compridas, cabelos presos no alto da cabeça e acessórios de plumas de avestruz.<sup>17</sup>

Essa imagem refinada dos japoneses, embora se restringisse à realeza nipônica, classe dominante oficial, apresentada por Oliveira Lima, segue a estrutura do discurso de países civilizadores. Sem dúvida, o leitor de *Kosmos*, ao apreciar as inúmeras fotos da corte nipônica trajando roupas ocidentais, associava a imagem da aristocracia japonesa à idéia de maneiras mais suaves, refinamento estético e força moral. Posto em outros termos, tudo indica que a Revista transmitia a idéia de que os japoneses ao se ocidentalizarem estavam também se civilizando.

Ainda na esteira do discurso civilizador, o Brasil, além da reforma urbana; tenta promover também um reforço em sua auto-estima. Com isso, por meio de uma releitura de nossos pontos fracos e engrandecimento de nossas virtudes, a elite brasileira consegue criar um discurso positivo de nossa nação. Foi assim que o poderio militar japonês, motivo de “inveja” para os brasileiros<sup>18</sup>, foi transformado no discurso brasileiro em um sentimento mais nobre: o de solidariedade. O Brasil, então, passa a dar total apoio moral ao Japão no conflito contra a Rússia. A vitória japonesa, na verdade, representava uma espécie de desforra para os brasileiros que, no fundo, também se sentiam vítimas do imperialismo e do preconceito racial das potências ocidentais; portanto essa demonstração de solidariedade à causa dos japoneses tinha dupla função: dar um ar de nobreza e altruísmo aos cidadãos brasileiros, solidários com os “discriminados”, disfarçando, desse modo, o nosso sentimento de inferioridade frente aos avanços militares dos japoneses; e, ao mesmo tempo, vingar as humilhações perante as ideias de superioridade dos imperialistas europeus e norte-americanos, como podemos comprovar no discurso de Moreira Guimarães, um adido-militar que viajou pelo Oriente entre 1904 e 1906 juntamente com a legação do Brasil no Japão e, ocasionalmente, enviava notícias e fotos sobre a guerra russo-japonesa à revista *Kosmos*, além de artigos com curiosidades da cultura japonesa.<sup>19</sup>

A vida de mais de um ano e meio do Japão, revelou-me um sem número de quadros, e todos completos de grosseirices, do desdém ou desprezo que voltam a japoneses estes e aqueles representantes da civilização européia. Esses ocidentais, que falam em nome da moral de Cristo, e vieram de conquista em conquista desde os primeiros tempos até os dias de hoje, se julgam os diretores eternos dos povos do planeta, se imaginam os vencedores poderosos (...) e querem pisar o solo da Ásia com a irritante superioridade de conquistadores deshumanos. E se no Japão os nacionais não lhe seguem os hábitos, riem-se, e fazem motejos desses hábitos (...) Eles (os japoneses) possuem motivos de sobra para legítimo orgulho nacional. A Rússia acaba de ser

batida no mar e em terra pelo pequenino Japão. E a Rússia era o gigante que aterrorizava a própria Europa (...)<sup>20</sup>

Moreira Guimarães mostra-se envolvido no clima de euforia da vitória japonesa na guerra contra a Rússia em 1907, e aproveita o ensejo para dar exemplos de “legítimo orgulho nacional” na intenção de contagiar os leitores brasileiros a seguirem a onda de consciência nacional dos japoneses que repudiavam os modelos de fora e não se intimidavam com a “irritante superioridade de conquistadores” das potências ocidentais, como podemos notar na foto 5 abaixo:



Foto 5 “Recepção de um glorioso soldado” (GUIMARÃES, Moreira. No Extremo Oriente. *Revista Kosmos*, Rio de Janeiro, n.4, abril de 1907)

Com a repercussão da guerra, o Japão se torna alvo da curiosidade do leitor brasileiro. Por conseguinte, Moreira Guimarães aproveita o momento propício para divulgar o seu livro *No Extremo Oriente* na seção de Publicidade de *Kosmos* e, ao mesmo tempo, publica alguns capítulos da obra na seção de Sociologia da Revista. É importante lembrar que as crônicas de viagem sobre o Japão de Moreira Guimarães aparecem sempre em meio a inúmeros artigos ressaltando os encantos da capital brasileira modernizada. Assim, por exemplo, ao narrar de forma melancólica e escura a capital japonesa, Moreira Guimarães certamente leva o leitor brasileiro da revista *Kosmos* a comparar a triste capital japonesa com a modernidade ensolarada da cidade do Rio de Janeiro largamente comentada dentro do mesmo periódico:

(...) a impressão da cidade não oferece maravilhas, não encanta, desagrada, melancoliza o espírito do observador (...) há sobre as povoações japonesas, sem a luz do sol, profunda tristeza. E tudo parece um montão de edifícios desmoronados. Tem-se

a desagradável sensação de ruínas, quando se atravessa por essas povoações debaixo de chuvaradas impertinentes e periódicas.<sup>21</sup>

Essa descrição da capital japonesa lembra os tempos da capital brasileira antes da grande reforma urbanística quando as vielas do Rio eram escuras e esburacadas e os cortiços se amontoavam no centro da cidade e os hábitos e costumes da população pobre brasileira eram associados à selvageria e ao primitivismo de um país atrasado, incivilizado e “degenerado”.

Reparem agora no contraste entre as fotos da capital japonesa em 1907 e da capital brasileira, após a inauguração da Avenida Central:



Foto 6 - Rua da capital japonesa em 1907(GUIMARÃES, Moreira. No Extremo Oriente. revista *Kosmos*,Rio de Janeiro, n.4, abril de 1907)



Foto 7 – Avenida Central na época da inauguração. Foto de Augusto César Malta. Arquivo do Museu da Imagem e do Som. <http://www.marcellio.com/rio/enceribr.html>. 21.05.2010.

Além de fotos da nova capital brasileira, *Kosmos* publicou inúmeros artigos enfocando a recém-inaugurada Avenida Central. Notem a descrição dada por Mário Pederneiras sobre a capital brasileira, na edição de novembro de 1907:

O povo sentiu-se desafogado; podia andar desembaraçadamente sem temer o incômodo dos encontrões, nem o ridículo dos tropeços; finalmente, podia respirar, olhar o Céu e receber o Sol com a liberdade necessária ao homem civilizado<sup>22</sup>

Em outros artigos, Pederneiras prossegue elogiando o projeto urbano do Rio de Janeiro, os dias ensolarados, os encantos da capital federal e a reação do povo brasileiro frente aos novos tempos. É oportuno lembrar que inúmeras fotos da Avenida e da orla marítima do Rio de Janeiro foram publicadas na *Kosmos* quase que mensalmente, com o intuito de dar uma exata idéia da transformação carioca em meio aos encantos naturais da cidade aos seus leitores.

Outro tema que merece destaque é a admiração de Moreira Guimarães pelos campos e pelas paisagens do Japão.<sup>23</sup> A natureza selvagem e intocada de países atrasados era um estereótipo europeu para contrapor ao progresso e à complexidade das potências ocidentais. Seguindo esse raciocínio e guardadas as devidas proporções, Moreira Guimarães faz um esforço de adaptação e insere a temática de natureza exuberante do Japão dentro do contexto de uma revista brasileira que tinha como proposta exibir nossa modernidade e cosmopolitismo à elite carioca. Em outras palavras, a descrição da natureza intocada do Japão nas páginas do periódico brasileiro dava a impressão de um Japão exótico e bizarro ao lado da modernidade e complexidade de nossa sociedade que se encontrava em meio aos projetos urbanísticos da capital brasileira.

E foi nessa linha de raciocínio que em agosto de 1907 *Kosmos* traz uma reportagem sobre a inauguração da Nippaku & Comp., uma loja de artefatos japoneses no Rio de Janeiro. Notem a relação feita pelo narrador entre a inauguração da loja de produtos japoneses e a localização do estabelecimento: na Avenida Central. Para o autor, tal fato era um sintoma claro de que o Brasil não era mais o “exótico” da história, mas aquele que, no papel de nação moderna e civilizada conseguia apreciar o exotismo de uma cultura primitiva nas páginas de uma sofisticada Revista e uma bela Avenida.

O estabelecimento de artefactos japonezes, inaugurado há dias, **num dos mais bellos edifícios da AVENIDA CENTRAL** (...) destinada a vender produtos dessa

**bizarra e exquisita industria japonesa (...) é um facto que precisa ser constatado como *syntoma de quanto a formosa cidade do Rio de Janeiro tem progredido nos seus costumes (...)***<sup>24</sup>



Foto 8 - Loja de artigos japoneses Nippaku &Comp. na Avenida Central (O commercio japonéz. Sua expansão mundial. *Kosmos*. Rio de Janeiro, n.8, agosto, 1907).

Moreira Guimarães em abril de 1907 traz uma foto de um vendedor ambulante japonês (ver foto 9), o que nem de relance lembra a majestosa construção da Nippaku brasileira (foto 8). Para o leitor carioca a foto do ambulante japonês era ou uma ilustração de barbárie ou, no mínimo, uma cena pitoresca.



Foto 9 – Vendedor ambulante no Japão. (GUIMARÃES, Moreira. No Extremo Oriente. *Kosmos*, Rio de Janeiro, n.4, abril, 1907)

Contudo, a partir de 1908, notamos que a imagem dos japoneses, retratados como povo primitivo até então, passa a ter na revista *Kosmos* uma conotação mais negativa a de ameaça amarela, como podemos constatar no artigo “A Invasão Amarela”, de Celso Vieira. O autor declara que “(...) o Japão deixou há muito de ser um exotismo que se cultivava em romances frívolos ou se coleciona em fulgidas laccas”, e mostra-se preocupado com o fato de muitos brasileiros acreditarem que o “carvão africano” converter-se-ia no “diamante amarelo”. Para Celso Vieira, há muitos motivos alarmantes para se temer a entrada dos nipônicos, e o primeiro deles é a diferença religiosa que, na opinião do autor, traria muitos problemas, e o entusiasmo dos cristãos brasileiros não bastaria para compensar os “trezentos mil templos, santuários e capellas em que André Bellessort viu florir o espírito religioso do Japão”, diz o autor.<sup>25</sup>

Outro fator seria a unidade do povo japonês que “não se desagrega ao emigrar” causando empecilhos para a sua assimilação. Celso Vieira, por outro lado, não nega as qualidades do trabalhador japonês, sua energia e resistência, e para o autor: “elle (o japonês) é o typo ideal do homem que se explora desattentamente e que nunca se queixa, nem se rebella contra a mesquinhez do salário e o peso do fardo”;<sup>26</sup>contudo, essa seria justamente a causa de transtornos futuros para o Brasil, diz Vieira, pois, tomando como exemplo o caso da imigração asiática nos Estados Unidos, o lavrador japonês ao se tornar operário nas cidades provocaria a revolta dos nacionais e dos imigrantes europeus pela prática de uma concorrência desleal. Em suma, para Celso Vieira: a unidade do japonês, as diferenças de crença e os conflitos que o trabalhador japonês resignado causariam nos operários nacionais e europeus, já

seriam motivos suficientes para se temer a entrada de japoneses ao Brasil; e arremata afirmando que: “não extrahiremos por certo da raça amarella o brasileiro catholico ou positivista, fiel á bandeira auri-verde e ao pacto de 24 de Fevereiro.”<sup>27</sup> Ainda, segundo Vieira, tudo isso seria agravado pela alta densidade populacional da Ásia que ocasionaria, conseqüentemente, a introdução de “formigueiros humanos do Extremo Oriente” na América Latina; e é nesse sentido que o autor teme a ameaça do “perigo amarelo”.<sup>28</sup>

A análise desses dados foi, na verdade, apresentada pelo professor norte-americano, Archibald Cary Coolidge em seu curso da Sorbonne, e pelo francês (que colaborou com o prefácio), Leroy Beaulieu, na obra *Les Etats Unis – Puissance Mondiale* (1908). O autor brasileiro, Celso Vieira, cita o livro em seu artigo como referência para suas argumentações.

Archibald e Beaulieu apresentam duras críticas à formação da população brasileira, e argumentam que esse povo, diante do clima ameno e da exuberância dos recursos minerais da terra, mostra-se “indolente” característico da “mistura de três raças, a branca, a negra, a vermelha, incapaz de manter nessa ordem de relações a attitude sobranceira do anglo-saxonico”. Celso Vieira, completamente de acordo com a opinião do professor norte-americano, ainda atesta:

Extraordinária a linguagem do sábio, mais amigo da verdade que nosso amigo(...) Mestre Archibald não está discursando no palácio Monroe, a serviço da causa pan-americana, mas leccionando na Sorbone, onde não foi contratado para nos dizer cousas amáveis.<sup>29</sup>

Seguindo o raciocínio de Archibald e Beaulieu, Celso Vieira alerta quanto ao perigo de acreditar nos benefícios imediatos da introdução dos japoneses, cuja falsa modéstia deste povo, esconde um orgulho insuportável, como ocorreu nos Estados Unidos; e finaliza com um questionamento:

Que succederá, então, nos paizes onde os japonezes vão entrar levando a certeza de uma **superioridade incontestável sobre os indígenas?** (...) se o japonês temerário e ambicioso chegou a idealisar sob o prestígio mundial das cores americanas o Shin Nippon (Novo Japão), por que não se entregaria aqui ao sonho de um Japão ainda mais novo e mais plausível, **dadas as nossas condições de inércia e de inferioridade, a juízo dos sábios professores de Harward,** transplantados carinhosamente para a Sorbonne?<sup>30</sup>

Em outras palavras, Vieira concorda com Archibaud e Beaulieu quanto à conclusão de que o perigo amarelo representa uma ameaça maior para o Brasil do que para os Estados Unidos, por conta do sentimento de superioridade dos japoneses

frente aos “indígenas brasileiros” e “as nossas condições de inércia e inferioridade”. Com essa declaração de Celso Vieira, fica óbvio que o Brasil, mesmo promovendo um discurso ufanista da modernização de sua capital, continuava mantendo uma visão e uma postura de inferioridade perante a opinião sólida das potências ocidentais colonialistas. Fica claro que ainda não tínhamos condições de caminhar sobre as nossas próprias pernas e que um simples sopro negativo derrubaria anos de tentativas de construção de uma auto-estima forte e inabalável.

Diante do exposto, notamos a fragilidade do discurso brasileiro em relação à sua imagem de país “civilizado” dentro da Revista; e que uma pequena intervenção das potências ocidentais era o suficiente para abalar nossa autoconfiança, como vimos no artigo de Celso Vieira. A imagem dos próprios japoneses, que no início foram retratados pelos colaboradores da Revista como primitivos e inferiores aos brasileiros, passa a ser de dominadores frente “às nossas condições de inércia e inferioridade”, como afirma Vieira.

Seja como for, a revista *Kosmos* não deixou de promover os novos tempos; proferindo discursos altamente otimistas sobre as reformas que transformavam o perfil da capital brasileira e, conseqüentemente, o futuro da nação; minimizando os problemas nacionais graves como: miséria, analfabetismo e dependência de capital estrangeiro, e colocando lentes de aumento em algumas “vantagens” pontuais do nosso país; com a preocupação de não macular as esperanças, de seus leitores, de um Brasil moderno, civilizado e “branco”. Não seria demais lembrar que *Kosmos* publicou inúmeras fotos da Avenida Central e das belas praias cariocas a fim de compor um cenário de Paris tropical.

A partir desse balanço da revista *Kosmos* nota-se que os artigos referentes a culturas distantes como, por exemplo, a do Japão foram apresentados dentro de uma ótica conveniente aos propósitos da elite brasileira que se pretendia civilizada e moderna. Coincidentemente ou não, a imagem do Japão e dos japoneses, ao longo dos cinco anos de existência da Revista, traz oposições contrastantes entre as duas culturas, as duas capitais e os dois povos, como vimos neste trabalho; o que nos leva a crer que a imagem “civilizada” da nação brasileira, dentro de *Kosmos*, foi enaltecida em detrimento da imagem japonesa, descrita como “exótica e bizarra”.

Recebido em 26/5/2010

Aprovado em 5/6/2010

<sup>1</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. 4ª edição, São Paulo, editora Brasiliense, 1983, p. 43

<sup>2</sup> HOBSBAWN, Eric J. *A Era dos Impérios 1875-1914*. 8ª edição, Tradução: Sieni Maria Campos, Yolanda de Toledo, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra S/A, 2003, p. 52

<sup>3</sup> Sobre esse tema ver: BRUIT, Hector H. *O Imperialismo*. 4ª edição, Campinas, Atual editora, 1988.

<sup>4</sup> HOBSBAWN, Eric, *op. cit.*, p. 44

<sup>5</sup> Idem, p. 54-55.

<sup>6</sup> *Rio civiliza-se* ou *O Rio de Janeiro do Bota-Abaixo* eram os *slogans* referentes às mudanças urbanísticas de modernização que o governo brasileiro desejava promover na capital federal. A tônica era transformar a cidade do Rio de Janeiro em cartão-postal brasileiro no cenário internacional e acabar com a sensação de inferioridade que a capital argentina, com a construção de sua Avenida Trece de Mayo, causava à elite carioca. Sobre esse assunto ver: LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasis: uma reflexão em busca de auto-estima*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2001.

<sup>7</sup> DIMAS, A., *op.cit.*, p. 132.

<sup>8</sup> Bilac em abril de 1904 se recusou a escrever na Revista sobre o caso das cervejas envenenadas no Rio de Janeiro. DIMAS, A. 1983, p.19

<sup>9</sup> A Avenida Central levou quase um ano para ficar pronta. Suas obras tiveram início em 1904 e fizeram parte do programa de reurbanização e saneamento dos, então, Presidente da República Rodrigues Alves e Prefeito da capital Pereira Passos. A reforma remodelou o centro da cidade, da Praça Mauá até a Avenida Beira Mar, com 33 metros de largura e 1.800 metros de comprimento. Foram demolidos centenas de prédios e, em seu lugar, foram construídos o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional, o Museu Nacional de Belas Artes, o Palácio Monroe, entre outros. LESSA, Carlos. *Op.cit.*, p. 201

<sup>10</sup> A guerra russo-japonesa (1904-1905) atingiu repercussão internacional, especialmente após a vitória japonesa; fato que marcou o reconhecimento do Japão como potência imperialista. Cabe informar também que a nação nipônica foi o único país asiático de seu tempo a derrotar uma grande potência ocidental. Sobre esse assunto ver: JUKES, Geoffrey. *The Russo-Japanese war. 1904-1905*. Oxford, University of Oxford Press, 2001.

<sup>11</sup> BILAC, Olavo. Cônicas. *Revista Kosmos*. Rio de Janeiro, n.3, março, 1904.s/p.

<sup>12</sup> CARVALHO, J.C. Mariz de. O drama do Oriente.A força do Japão e da Rússia em confronto: guerra russo-japonesa. *Revista Kosmos*. Rio de Janeiro, n3., março, 1904.s/p

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> DIMAS, A., 1983, p. 136.

<sup>15</sup> LIMA, Oliveira. Vultos japoneses. *Revista Kosmos*. Rio de Janeiro, n.8, agosto, 1904.s/p.

<sup>16</sup> LIMA, Oliveira. Rússia e Japão. *Revista Kosmos*. Rio de Janeiro, n. 10, outubro, 1904.s/p.

<sup>17</sup> Sobre esse assunto ver: LAVER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. Tradução Glória Maria de Mello Carvalho, São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

<sup>18</sup> Na visão de Jeffrey Lesser, o Brasil inveja o poder militar japonês e o seu sentimento era de emulação. LESSER, J. *A negociação da identidade nacional. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. Tradução Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres, São Paulo, Editora UNESP, 2001, p.267.

<sup>19</sup> Moreira Guimarães publicou alguns artigos sobre suas impressões de viagem ao Japão na Revista *Kosmos* na seção Sociologia, além de contribuir ocasionalmente com informações sobre a guerra russo-japonesa. Esses artigos sobre a cultura e a vida japonesa foram posteriormente publicados no livro *No Extremo Oriente*, em 1908.

<sup>20</sup> GUIMARÃES, Moreira. No Extremo Oriente. (Capítulo de um livro em publicação). Usos e costumes. *Revista Kosmos*, Rio de Janeiro, n.4, abril, 1907, s/p.

<sup>21</sup> Idem

<sup>22</sup> PEDERNEIRAS, Mário. A mulher e a rua. *Revista Kosmos*. Rio de Janeiro, n.11, novembro de 1907, s/p.

<sup>23</sup> GUIMARÃES, M Moreira. No Extremo Oriente. (Capítulo de um livro em publicação). Usos e costumes. *Revista Kosmos*, Rio de Janeiro, n.4, abril, 1907, s/p.

---

<sup>24</sup> O commercio japonéz. Sua expansão mundial. *Revista Kosmos*. Rio de Janeiro, n.8, agosto, 1907, s/p.(grifo nosso)

<sup>25</sup> VIEIRA, Celso. A invasão amarela. *Revista Kosmos*. Rio de Janeiro, n.6, junho, 1908. s/p

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> Idem

<sup>28</sup> Idem

<sup>29</sup> Idem

<sup>30</sup> Idem (grifo nosso)